

NOTA COLETIVA SOBRE PSICOLOGIA, SAÚDE MENTAL E VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MULHERES NA PANDEMIA

A Pandemia da COVID-19 (novo coronavírus), iniciou-se na China em dezembro de 2019, e vem causando diversos impactos no mundo inteiro. No Brasil, o primeiro caso foi identificado em 25 de fevereiro 2020 e, desde essa data, o número de pessoas acometidas pelo vírus tem crescido assustadoramente sendo registrados 67.860 casos de infecção e 82.771 óbitos no período de 27 de março e 22 de julho de 2020.

A Organização Mundial de Saúde orienta a medida de distanciamento social como a principal para prevenir a contaminação e conter o vírus, bem como para não sobrecarregar os sistemas de saúde de diversos países. Segundo o IPEA (2020), a situação de pandemia traz fatores estressores tais como a) o medo de ser infectada/o ou não ter atendimento médico caso necessário; b) a diminuição da renda; c) o estresse do confinamento; d) o estresse provocado por informações conflitantes ou imprecisas sobre a pandemia e seu enfrentamento; e) ausência de uma estratégia de saída da crise. Neste período, também têm sido intensificados os processos de adoecimento psíquico com presença de sentimentos de medo, angústia, raiva, solidão, tédio, irritabilidade, mudanças no sono e apetite, aumento no consumo de álcool e outras drogas, bem como depressão, transtorno de ansiedade e outros.

A crise sanitária decorrente da pandemia da COVID-19 soma-se e tem agravado outras crises em curso - econômica, política, social, humanitária e ecológica - impactando toda a sociedade em uma escala global, sobretudo pondo em risco diferentes pessoas, grupos e populações. A pandemia não é democrática, considerando que as desigualdades sociais se acentuam na crise. Tais desigualdades são vistas aqui através das lentes de gênero e interseccionalizadas com outras categorias que são determinantes sociais de saúde, tais como a raça, a classe social, os territórios, as idades/gerações, orientação sexual, dentre outras. Neste cenário, as populações que já se encontram em vulnerabilidade, como as mulheres, sobretudo as negras e pobres, sofrem ainda mais. Em escala global, as mulheres representam 70% das/os profissionais da saúde no fronte para combater o coronavírus e são, fora da saúde, ainda por questões de gênero, as cuidadoras, assumindo múltiplas funções e adoecendo com a sobrecarga.

Uma preocupação mundial, já registrada em países que estão ou já saíram da crise, como a China, é o aumento do índice de violência contra as mulheres e pedidos de divórcio. A ONU Mulheres já sinaliza a violência de gênero como um dos impactos da pandemia. A condição de afastamento social, do convívio comunitário e para muitas mulheres, do trabalho, obriga que convivam intensamente com seus agressores, gerando um aumento substancial dos conflitos e violências em suas diversas formas - física, verbal, psicológica, sexual, reprodutiva, econômica, patrimonial, simbólica, dentre outras.



Citamos também os conflitos e violências aos quais crianças e adolescentes ficam submetidas/os e que, frequentemente, impactam o direito das mulheres de exercerem a maternidade. Aliado à “hiperconvivência”, levamos em consideração o fato de que homens são socializados para responderem com agressividade a sentimentos como frustração, impotência e tristeza (masculinidade hegemônica) e, na situação de pandemia e com o isolamento social, essa resposta pode ser acentuada, gerando violência de gênero contra mulheres, crianças, adolescentes e, podemos acrescentar, a idosas/os.

Se a situação de pandemia, por si, já gera sofrimento psíquico, somada à violência de gênero, o impacto para a saúde mental é ainda maior. Estudos sobre o tema (Mariana PEDROSA; Valeska ZANELLO, 2016) , têm associado o adoecimento mental como consequência das violências de gênero, sobretudo para mulheres que sofrem violência doméstica. Transtornos de ansiedade, depressão dentre outros, têm sido demandas nos serviços básicos de saúde, psicológicos e psiquiátricos. Contudo, muitas/os profissionais ainda não os associam à violência de gênero como resultado da falta de investimento em treinamento específico.

Na Bahia, profissionais de Psicologia, como os grupos que assinam esta nota, têm observado no consultório clínico e práticas em outros serviços, sobretudo por mulheres negras e pobres, crescente número de queixas referentes às violências domésticas e sofrimento subjetivo nos últimos 120 dias, período em que foram iniciadas as medidas de distanciamento social em função da pandemia. As violências mais recorrentes são: física, psicológica, sexual, moral e patrimonial. Essas mulheres relatam também dificuldade de acesso à alimentação nutricional adequada e aos cuidados psicológicos, uma vez que estes perpassam por inclusão em serviços socioassistenciais dos quais muitas vezes são excluídas pelas burocracias excessivas dos serviços, bem como o acesso adequado a profissionais qualificadas/os nos órgãos de proteção policial.

Os serviços especializados em atendimento a mulheres em situação de violência registraram, no estado da Bahia, uma diminuição no registro de denúncias de violência contra as mulheres e observaram que a convivência mais constante com o agressor e medo de fazer a denúncia neste contexto, dificultaram a busca por ajuda. Estes serviços, então, promoveram adaptações para melhor atender e acolher as mulheres de modo que não as colocassem em risco, por exemplo, criando canais de chat nas mídias, além da manutenção dos serviços telefônicos.

Neste cenário, os desafios para a Psicologia baiana se mostram principalmente: a) na qualificação profissional para melhor suporte às mulheres em situação de violência, que considere o olhar de gênero e de raça para este tema, haja vista que as construções sociais ainda estereotipadas mantêm desigualdades nas relações sociais, refletidas nas situações de violência; b) na qualificação e orientação para o atendimento psicológico mediado por tecnologias da informação e comunicação - TIC - (atendimento telefônico e online), considerando que as medidas de distanciamento social na Bahia ainda estão em curso e que muitas/os profissionais começaram a utilizar as TIC recentemente; c) na



Conselho Regional
de Psicologia

3ª REGIÃO - BA

valorização do trabalho das/os psicólogas/os, considerando que a Psicologia é uma profissão necessária neste contexto de pandemia para atuar com situações de emergência, nos serviços de saúde e socioassistenciais, além da continuidade de suporte clínico, atendendo diversas demandas, sobretudo às mulheres em situação de violência; d) no cuidado com a saúde mental das/os profissionais de Psicologia que continuam atuando em diversas frentes e que também têm sua saúde mental fragilizada neste contexto.

No que tange à qualificação profissional é importante destacar a atual Resolução CFP 08/2020, publicada em 20 de julho de 2020, a qual estabelece normas de exercício profissional da Psicologia em relação às violências de gênero, uma importante iniciativa de orientação a profissionais para a prática qualificada e consonante com a temática, regulamentando assim a atuação ante às violências de gênero que atingem sobretudo as mulheres. Diante do panorama atual no qual presenciamos o aumento das violências de gênero contra mulheres no Brasil, a iniciativa do Conselho Federal de Psicologia elucida a responsabilidade e atenção da categoria perante as problemáticas sociais, considerando a Psicologia uma ciência que atua com comprometimento social e que veda qualquer prática ou atos que sejam coniventes ou caracterizem violências, negligências, crueldade, exploração discriminação e opressões.

Chamamos especial atenção nesta nota para a importância da Psicologia, sendo esta uma profissão necessária no enfrentamento e cuidado da saúde mental das mulheres que não dispõem de recursos financeiros para arcar com psicoterapia e que se veem diante da escassez de serviços públicos especializados nos municípios baianos. Deste modo, recomendamos ao poder público a inclusão do acompanhamento psicológico como parte dos serviços essenciais no pleito de políticas públicas inclusivas que deem conta das demandas no âmbito da saúde mental.

A Psicologia baiana enfatiza sua atuação em prol dos direitos das mulheres, no combate a todas as formas de opressão e na garantia de estratégias que visem à saúde mental da população e da nossa categoria profissional. Para colaborar com leituras sobre o tema, sugerimos textos e vídeos compilados na aba “Mulheres”, no site do Conselho Regional de Psicologia da Bahia <https://www.crp03.org.br/mulheres-e-relacoes-de-genero/>

Salvador, Bahia 24 de julho de 2020

Assinam

Conselho Regional de Psicologia 3ª Região – Bahia – (Comissão de Mulheres e Relações de Gênero)

Coletiva Muitas Psi

Associação Baiana de Análise do Comportamento - Casa Comportamental

Coletivo Psicologias em Movimento

DE MORAES, Rodrigo Fracalossi. Prevenindo Conflitos Sociais Violentos em Tempos de Pandemia: Garantia da Renda, Manutenção da Saúde Mental e Comunicação Efetiva. Nota Técnica - 2020 - Abril - Número 27 - Diest. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200403_nt_diest_n_27.pdf
Acesso em 10 de junho de 2020

ONU MULHERES. Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf

PEDROSA, Mariana; ZANELLO, Valeska. (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 32, n. spe, e32ne214, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v32nspe/1806-3446-ptp-32-spe-e32ne214.pdf>